

PALAVRAS-CHAVE: conto; figuras de linguagem; narrador; fantasia.

TEXTO GERADOR I

Tentação

Clarice Lispector

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo. Os pêlos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos - lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-la dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

Conto extraído de LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ATIVIDADE DE LEITURA

1. Pela leitura do texto gerador I, conseguimos identificar a presença de um narrador (alguém que conta a história). Diga qual é o foco narrativo da história.

Habilidade Trabalhada: Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada:

Através da leitura do texto gerador I, percebemos que o conto de Clarice Lispector trata da história de uma menina solitária, que, em certo dia, teve um encontro que mudaria sua visão e percepção da vida. No decorrer da leitura, conseguimos notar a presença de um elemento típico dos textos narrativos: o narrador. Esse dá várias pistas de sua atuação na história contada. Ora faz parte da história, ora está distante, ora conhece os pensamentos dos personagens, ora é intruso. No conto de **Tentação**, o narrador apresenta-se como alguém que está narrando a história de um lugar distante, observando atentamente a situação que se passa diante dele. Esse tipo foco narrativo é conhecido como narrador observador ou em 3ª pessoa.

TRECHO REMOVIDO

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

3. Leia o trecho abaixo e em seguida responda a questão.

“...lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne.”

As figuras de linguagem são recursos linguísticos que o falante ou escritor utiliza para dar maior expressividade à sua mensagem.

Sendo assim, identifique a figura de linguagem presente no trecho destacado acima.

Habilidade Trabalhada: Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada:

Percebe-se que o trecho selecionado apresenta a figura de palavra conhecida como **comparação**. Essa apresenta ideias explícitas de semelhança entre dois seres

através de palavras ou locuções, como “feito”, “assim como”, “tal”, “como”, “tal qual”, “tal como”, “qual”, “que nem” - e alguns verbos – “parecer”, “assemelhar-se” e outros. No trecho, verificamos que a comparação se dá pelo conectivo *como* que liga a ideia “*como se fora carne de sua ruiva carne*”, ou seja, como se a menina fosse como a carne ruiva do cão basset, num nítido exemplo de construção comparativa. O próprio texto, já no segundo parágrafo, reflete essa ideia comparativa ao dizer que a menina encontrou a “outra metade”, “um irmão do Grajaú”, ou seja, a menina é comparada ao cão basset.

TEXTO GERADOR II

Era uma vez, um senhor chamado Gepeto. Ele era um homem bom, que morava sozinho em uma bela casinha numa vila italiana.

Gepeto era marceneiro, fazia trabalhos incríveis com madeira, brinquedos, móveis e muitos outros objetos. As crianças adoravam os brinquedos de Gepeto.



Apesar de fazer a felicidade das crianças com os brinquedos de madeira, Gepeto sentia-se muito só, e por vezes triste. Ele queria muito ter tido um filho, e assim resolveu construir um amigo de madeira para si. O boneco ficou muito bonito, tão perfeito que Gepeto entusiasmou-se e deu-lhe o nome de Pinóquio.

Os dias se passaram e Gepeto falava sempre com o Pinóquio, como se este fosse realmente um menino.

Numa noite, a Fada Azul visitou a oficina de Gepeto. Comovida com a solidão do bondoso ancião, resolveu tornar seu sonho em realidade dando vida ao boneco de madeira.

E tocando Pinóquio com a sua varinha mágica disse:

— Te darei o dom da vida, porém para se transformar num menino de verdade deves fazer por merecer. Deve ser sempre bom e verdadeiro como o seu pai, Gepeto.

A fada incumbiu um saltitante e esperto grilo na tarefa de ajudar Pinóquio a reconhecer o certo e o errado, dessa forma poderia se desenvolver mais rápido e alcançar seu almejado sonho: tornar-se um menino de verdade.

No dia seguinte, ao acordar, Gepeto percebeu-se que o seu desejo havia se tornado realidade.

Gepeto, que já amava aquele boneco de madeira como seu filho, agora descobria o prazer de acompanhar suas descobertas, observar sua inocência, compartilhar sua vivacidade. Queria ensinar ao seu filho, tudo o que sabia e retribuir a felicidade que o boneco lhe proporcionava.

Sendo assim, Gepeto resolveu matricular Pinóquio na escola da vila, para que ele pudesse aprender as coisas que os meninos de verdade aprendem, além de fazer amizades.

Pinóquio seguia a caminho da escola todo contente pensando em como deveria ser seu primeiro dia de aula estava ansioso para aprender a ler e escrever.

No caminho porém encontrou dois estranhos que logo foram conversando com ele. Era uma Raposa e um Gato, que ficaram maravilhados ao ver um boneco de madeira falante e pensaram em ganhar dinheiro às custas do mesmo.

— Não acredito que você vai a escola! Meninos espertos preferem aprender na escola da vida! – falou a Raposa se fazendo de esperta.

— Vamos Pinóquio, sem desviar do nosso caminho! Gritou o pequeno e responsável grilo.

A Raposa e o Gato começaram a contar que estavam indo assistir ao show do teatro de marionetes. Pinóquio não conseguiu vencer sua curiosidade, para ele tudo era novidade, queria conhecer o teatro divertido, do qual os dois estranhos falavam.

— Acho até que você poderá trabalhar no teatro, viajar conhecer novas pessoas, ganhar muito dinheiro e comprar coisas para você e para quem você gosta. Continuou a instigar a Raposa.

O pequeno grilo continuou a falar com Pinóquio, mas este estava tão empolgado que nem o escutava mais.

Pinóquio então, seguiu com a Raposa e o Gato, rumo à apresentação do teatro de marionetes, deixando seu amigo grilo para trás.

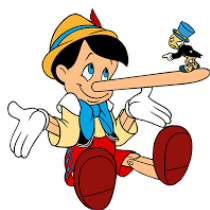
LEITURA COMPLEMENTAR

Dia da Mentira

Tudo começou em 1564, quando Carlos IX, rei de França, por uma *ordonnance* de Roussillon, Dauphine, determinou que o ano começasse no dia primeiro de janeiro, no que foi seguido por outros países da Europa. É claro que, no início, a confusão foi geral, de vez que os meios de comunicação ainda eram inexistentes. Não havia rádio, televisão, nem mesmo o jornal, pois a invenção da imprensa, por Gutenberg, só aconteceu muitos anos depois.

Antes de Carlos IX determinar que o dia primeiro de janeiro fosse o começo do ano, este tinha início no dia primeiro de abril, o que resultou ficar conhecido como o *Dia da Mentira*, por força das brincadeiras feitas com a intenção de provocar hilaridade.

Surgiram, então, as brincadeiras (que os franceses denominavam de *plaisanteries*) em todo o mundo, como a da carta que se mandava por um portador destinada a outra pessoa, na qual se lia o seguinte: "**Hoje é primeiro de abril. Mande este burro pra onde ele quiser ir**".



Seria um nunca acabar se fossem, aqui, relacionadas as brincadeiras referentes ao primeiro de abril. Até mesmo eram distribuídas cartas convidando amigos para assistirem ao enlace matrimonial de pessoas que nem sequer se conheciam, mencionando a igreja, o dia e a hora em que seria celebrado o suposto casamento.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Através da leitura do texto sobre *O Dia da mentira* verifica-se que o ato de mentir é comum à convivência em sociedade há tempos. No Antigo Testamento, a serpente usou de uma mentira para enganar Adão e Eva. Na história dos Sete Anões, a madrasta se disfarça de uma pobre velhinha para enganar a bela Branca de Neve e a faz comer uma maçã envenenada. No conto de Pinóquio, quando ele dizia alguma mentira, seu nariz crescia. Também os famosos autores e diretores de Hollywood são mestres nisso para criar as mais inimagináveis cenas cinematográficas.

Até que provem o contrário, Papai Noel voando no trenó puxado por renas; Coelho da Páscoa, levando ovinhos de chocolate; fadas, gnomos, ogros, vivendo em florestas encantadas; monstros que destroem cidades inteiras e ETs, vindos do espaço, não existem. Fazem parte do universo criativo da nossa rica fantasia imaginativa.



Desta forma, o tema *mentira* é abordado em vários gêneros textuais, de diversas formas, para retratar um comportamento tipicamente humano.

Mas quem nunca disse uma mentira?

Por isso, vamos “utilizá-la” um pouquinho. Só que agora na elaboração de um texto criativo. Você irá escrever um conto que aborde o seguinte tema: **“A mentira tem perna curta”**. Se quiser, você poderá aproveitar alguma história que conhece ou um dos textos do roteiro de atividades.

Habilidade Trabalhada: Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Resposta comentada:

A proposta da produção textual é apresentada de forma que o aluno possa desenvolver seu texto de acordo com os padrões e características do gênero estudado: o conto. Espera-se que seja aproveitado tanto as leituras dos textos geradores como também a leitura complementar para facilitar e enriquecer o repertório cultural do aluno.

O comando da questão sugere que o aluno utilize um recurso muito próprio dos textos narrativos: a *mimeses*. Essa “imitação” do real é construída a partir da visão e do ponto de vista do escritor, que pode, a seu bel-prazer, reproduzi-la integralmente ou

recriá-la. Em nosso caso, é importante que se perceba que o conto é um gênero que permite muitas possibilidades de abordagens. O autor pode e deve apropriar-se da criação de uma realidade explorada pelos textos ficcionais através da possibilidade imaginativa, ou seja, da criatividade.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita: espaço da aprendizagem**, 2ed. – São Paulo, ed. Cortez, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rer. e ampl. – Rio de Janeiro: editora Lucerna, 2001.

GARCIA, Orthon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda escrever, aprendendo a pensar**; 24 ed. – Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra coisa é possível**. – São Paulo: Parábola, 2009.

Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

<http://provabrasil.inep.gov.br>

http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/index_portal.php

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=5962>